

Escrito, caricaturado e falado

: ecos do humor antiesquerdista nas décadas de 1920, 1960 e 2010

Renan Rivaben Pereira

Doutorando em História do Tempo Presente pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC-SC)

Leonardo Dallacqua de Carvalho

Professor no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão (PPGHIST-UEMA).

Resumo

Os *memes* e a politização do espaço cibernético, o partidarismo político de comediantes e as falas pouco decorosas do presidente Jair Bolsonaro evidenciam que o humor foi arma importante na ascensão da nova direita no Brasil. Nas primeiras décadas do século XX, as publicações humorísticas de José Madeira de Freitas (1893-1944), integrante do alto escalão da Ação Integralista Brasileira (AIB), e, na década de 1960, as caricaturas de Hilde Weber (1913-1994) contra as esquerdas do país mostram um público conservador apto historicamente ao riso. Dessa forma, pretendeu-se avaliar os ideais contidos nesses humorismos e como esses discursos apareceram dentro de suas conjunturas artísticas e sociopolíticas. Nesse quadro de comicitàes à direita que envolveu desilusão, radicalização e transgressão, foi possível incitar novas reflexões sobre a relação utilitária e intersubjetiva do riso com espectros conservadores da política do século XX e XXI.

Palavras-chave Humor – Nova Direita – Conservadorismo.

Submissão

18/01/2023

Aprovação

25/05/2023

Publicação

27/06/2023

Written, Caricatured And Spoken: Echoes of Anti-Left Humor in the 1920s, 1960s and 2010s

Abstract

The memes and the politicization of cyberspace, the impolite speeches of President Bolsonaro and the political partisanship of comedians, such as Danilo Gentili (1979-current), point that humor was a categorical element in the rise of the new right in Brazil. In the first decades of the last century, the humorous publications of José Madeira de Freitas (1893-1944), a high-ranking member of the Brazilian Integralist Action (AIB), and, in the 1960s, the caricatures of Hilde Weber (1913-1994) against the left of the country showing a conservative audience historically apt to laugh. In this way, it is intended to evaluate the ideals contained in these humorisms and how these discourses appear within their artistic and sociopolitical conjunctures. In this context of right-wing comics that involved disillusionment, radicalization and transgression, it was possible to incite new reflections on the utilitarian and intersubjective relationship of laughter with conservative specters of 20th and 21st century politics.

Keywords Humor – New Right – Conservatism.

Escrito, caricaturado y hablado: ecos del humor antiizquierdista en las décadas de 1920, 1960 y 2010

Resumen

Los memes y la politización del ciberespacio, el partidismo político de los comediantes y los discursos poco decorosos del presidente Jair Bolsonaro muestran que el humor fue un arma importante en el ascenso de la nueva derecha en Brasil. En las primeras décadas del siglo XX, las publicaciones humorísticas de José Madeira de Freitas (1893-1944), alto miembro de la Acción Integralista Brasileña (AIB), y, en la década de 1960, las caricaturas de Hilde Weber (1913 -1994) contra las izquierdas del país muestran un público conservador históricamente propenso a la risa. De esta forma, se pretendía evaluar los ideales contenidos en estos humorismos y cómo estos discursos surgieron dentro de sus coyunturas artísticas y sociopolíticas. En este contexto de comedia de derecha que involucraba desencanto, radicalización y transgresión, fue posible suscitar nuevas reflexiones sobre la relación utilitaria e intersubjetiva de la risa con espectros conservadores de la política de los siglos XX y XXI.

Palabras clave Humor – Nueva derecha – Conservadurismo.

No dia 4 de março de 2020, o presidente Jair Bolsonaro levou à sua coletiva de imprensa, na entrada do Palácio da Alvorada, o humorista Márvio Lúcio, cujo nome artístico é “Carioca”, notabilizado por imitações de celebridades, entre elas, a do próprio presidente da República.¹ A dupla surgiu no contexto em que Bolsonaro justificava para a sociedade o mal resultado do Produto Interno Bruto (PIB), em 2019. Contudo, o que era para ser uma coletiva tornou-se uma apresentação humorística.² Apesar do episódio incomum na história do país, a ousadia de Bolsonaro não causou surpresa, visto que as suas respostas aos jornalistas, frequentemente, desrespeitavam o decoro do cargo, envolviam agressões verbais e piadas ofensivas.³

Em sua trajetória política iniciada ainda em 1988, Bolsonaro ganhou espaço na imprensa por declarações antidemocráticas e violentas. Como por exemplo, quando afirmou que o presidente Fernando Henrique Cardoso e outras 30 mil pessoas, consideradas por ele corruptas, deveriam ter sido fuziladas na Ditadura Militar.⁴ Sua popularidade nacional aumentou quando, no início da década de 2010, começou a frequentar programas de auditório e de viés humorístico na televisão aberta.⁵ O primeiro deles foi o *CQC* — *Custe o que custar*, programa de quadros jornalísticos que

- 1 Nomeado de “Bolsonabo”, seu personagem aparecia desde 2017 no “Pânico na Band”, programa da Rede Bandeirantes de Televisão. Carioca negou apoiar o governo Bolsonaro, mas disse que a ideia da aparição no Palácio da Alvorada foi dele mesmo. Nas eleições presidenciais de 2018, o humorista declarou seu voto em Bolsonaro. Ver: CARIOCA nega apoiar Bolsonaro e esclarece aparição no Alvorada: Ideia minha. *UOL*, 25 ago. 2020. Entretenimento. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/25/carioca-cita-imitacao-de-bolsonaro-e-diz-que-humor-nao-tem-lado.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- 2 PAMPLONA, N.; CUCOLO, E. PIB do Brasil cresce 1,1 em 2019, diz IBGE; resultado é menor da metade do projetado no início do ano. *Folha de S. Paulo*, 4 mar. 2020. Mercado. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/pib-do-brasil-cresce-11-em-2019-diz-ibge.shtml>>. Acesso em: 18 mar 2021; MILITÃO, E. Bolsonaro faz piada com PIB usando humorista Carioca. *UOL*, 4 abr. 2020. Economia. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/04/apos-pib-desacelerar-bolsonaro-usa-humorista-para-evitar-assunto.htm>>. Acesso em 26 de maio 2023.
- 3 A maneira de se expressar do presidente chegou a ser analisada por especialistas como prejudiciais a economia. Ver: TEIXEIRA, L. B. Para analistas, piadas atrapalham a economia, mas são estratégia. *UOL*, 4 abr. 2020. Notícias. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/04/para-analistas-deboches-de-bolsonaro-atrapalham-negocios-e-democracia.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- 4 O dep. Arthur Virgílio (PSDB) apresentou, na época, pedido para a Câmara de abertura de processo por falta de decoro de Bolsonaro. A suspensão de 30 dias nunca foi votada. Ver: LÍDER do governo pede a cassação de Bolsonaro. *Folha de S. Paulo*, 6 jan. 2000. Congresso. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fco60r2o00o7.htm>>. Acesso em: 18 de mar. 2021.
- 5 Bolsonaro era denominado nos programas como “o deputado mais polêmico do Brasil”. Em prévio levantamento identifica-se que Jair participou em novembro de 2010 do *CQC* (Band), março de 2011 do *CQC* (Band), abril de 2011 do *Super Pop* (Rede TV), março de 2012 do *CQC* (Band), março de 2012 do *Agora é tarde* (Band), junho de 2013 do *CQC* (Band), abril de 2014 do *Programa do Ratinho* (SBT), novembro de 2014 do *CQC* (Band), abril de 2015 do *Programa Raul Gil* (SBT), abril de 2015 do *Super Pop* (Rede TV), fevereiro de 2016 do *Super Pop* (Rede TV), março de 2017 do *The Noite com Danilo Gentili* (SBT), outubro de 2017 do *Super Pop* (Rede TV).

usava de irreverência do humor para abordar a política de São Paulo e do Brasil.⁶ Ex-integrante do *CQC*, Danilo Gentili, aproximou-se politicamente de Bolsonaro e o recebeu três vezes em seu *talk show* e uma vez o seu filho, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL).

A aproximação de políticos, militantes e apoiadores da direita a padrões não convencionais de atuação e ao humor não é isolada quando se observa o contexto internacional. Liderado simbolicamente pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, o mundo ocidental observou um vertiginoso fenômeno político de caráter conservador, religioso, populista, anticientífico e xenófobo que se alavancou para o debate no país com uma linguagem própria oriunda de espaços alternativos da internet. Segundo Angela Nagle, a *alt-right* estadunidense tinha uma estética de contracultura, transgressão e não conformidade ao estilo do “é proibido proibir” de 1968.⁷ Com aspecto discursivo e imagético particular, que figurava entre o sério e o jocoso, criou-se uma arma poderosa da guerra cultural contra o politicamente correto progressista: os *memes*.⁸

No Brasil, os *memes* também foram valiosos para blogs, redes sociais e páginas online que ridicularizavam pautas identitárias, artistas e políticos de esquerda e que, diretamente ou indiretamente, serviam à ascensão da chamada nova direita. A alcunha de “nova” não surgiu unicamente pela questão geracional, mas considerou os novos espaços e formas do fazer político, ou seja, fora dos partidos e das práticas tradicionais. Com retórica combativa, ácida, irônica e, abertamente, contra partidos e ativistas de esquerda, jovens universitários fizeram sucesso na internet e, depois, passaram a trazer público significativo para as ruas. Mais do que se apropriar de anedotas para criticar partidos e governos, pode-se dizer que o debate público foi potencializado por uma nova linguagem política, no qual o humor teve função crucial.

6 O formato do *CQC* surgiu na Argentina e foi vendido para outras emissoras fora do país. No Brasil, ele estreou em 2008 e foi até 2015, ganhando prêmios importantes da imprensa, como o da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Em 2020, em entrevista ao apresentador Pedro Bial na Rede Globo, a atriz e comedianta Monica Iozzi considerou que o *CQC*, no qual era integrante, fez mal ao ter dado audiência para Bolsonaro. Monica disse: “Quem mais deu voz a Jair foi o *CQC*, a gente não pode se eximir dessa culpa e, sim, eu me arrependo de ter falado com ele tantas vezes”. Ver: NO ‘CONVERSA’, Monica Iozzi faz autocrítica sobre o trabalho no *CQC*: ‘Bolsobaro foi muito mais inteligente do que eu’. *GShow*, 1 set. 2020. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/programas/conversa-com-bial/noticia/no-conversa-monica-iozzi-faz-autocritica-sobre-o-trabalho-no-cqc-bolsonaro-foi-muito-mais-inteligente-do-que-eu.ghtml>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

7 NAGLE, A. *Kill All Normies: Online Culture Warm from 4Chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right*. Washington: Zero Books, 2017. p. 29.

8 Repetição de modelo formal básico, os *memes* manifestam-se por meio de vídeos, fotolegenda, tirinhas, frases, *hashtags* e outros que se espalham de forma viral na internet. Majoritariamente, os *memes* possuem baixa qualidade técnica e aspecto intencionalmente descuidado para serem realizados de forma lúdica de efeito risível. HORTA, N. B. *O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. p. 13.

Se levarmos em conta a tradição conceitual, de aporte em Mikhail Bakhtin e Humberto Eco, que percebia no riso uma arma potente contra a opressão moral de instituições conservadoras, parece estranho conceber direitas políticas que se destacam pela ironia e o riso desestabilizador. No entanto, o artigo procura mostrar que a produção artística do humor, em suas diferentes arquiteturas estéticas, nunca esteve longe de projetos autoritários e reacionários da nossa história brasileira do século XX.⁹

Da desilusão republicana ao anticomunismo

O historiador Claudio Figueiredo, quando se referiu ao aposto político do humorista ligado ao Partido Comunista, Aparício Torelly, lembrado pelo pseudônimo Barão de Itararé, disse: “Se humoristas conservadores são espécimes mais do que raros, o que dizer de um humorista de extrema-direita?”.¹⁰ Ele se referia ao médico José Madeira de Freitas que se tornou conhecido pelo humor de Mendes Fradique, seu pseudônimo.

José Madeira de Freitas iniciou sua trajetória na imprensa na década de 1910 com caricaturas e textos humorísticos em revistas ilustradas cariocas e paulistas. Depois, foi sucesso de vendas de livros de humor, como a *História do Brasil pelo método confuso* (1920) e *Grammatica portugueza pelo methodo confuso* (1928). Madeira criou uma personagem-autor a partir da inversão do nome da personagem Fradique Mendes, de Eça de Queiroz. Irreverente, aventureiro e excêntrico, a personagem tornou-se uma espécie de símbolo para o universo literário e boêmio carioca da época. O capixaba Madeira de Freitas entraria nas rodas literárias da capital da República pelas mãos do poeta e humorista Emílio de Menezes e adotaria o pseudônimo Mendes Fradique na revista *Rio Ilustrado*, na qual assumiu como desenhista.¹¹ Mais tarde, as caricaturas do jovem estudante de medicina ganharam espaço na famosa revista *D. Quixote*, do publicitário e humorista Bastos Tigres. Sua arte foi publicada junto com nomes consagrados do gênero, como J. Calixto, Raul Pederneiras e Julião Machado.¹²

9 O presente artigo é o aprofundamento da investigação apresentada aos pares, parcialmente, em evento acadêmico. PEREIRA, Renan R. “Pessoal de esquerda não tem senso de humor, não é?": o humor à direita nos contextos antidemocráticos de 1930, 1964 e 2016. *Juiz de Fora. Anais*. XXXVII Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021. p. 499-509.

10 FIGUEIREDO, C. *Entre sem bater: a vida de Aparício Torelly, o Barão de Itararé*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012. p. 135.

11 Reconhecido jornalista e poeta, Emílio de Menezes teve atuação marcante na imprensa com ácido humor que figurava entre o ‘bom’ e o ‘mau’ riso. Ele foi quem trouxe Madeira para o universo editorial do Rio de Janeiro. LUSTOSA, I. *Brasil pelo método confuso — humor e boemia em Mendes Fradique*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993. p. 14.

12 Ibidem.

Ao analisar o humor de Bastos Tigre, Emílio de Menezes e Raul Pederneiras, Elias Thomé Saliba compôs Mendes Fradique num quadro de dezesseis nomes de frequente publicação humorística na imprensa da capital da Primeira República.¹³ Essa geração teve em revistas, como *D. Quixote*, *Careta* e *Fon-Fon!* locais de ação, experiências e trocas que singularizaram aquele humor como a reprodução da oralidade das ruas em detrimento da gramática formal. Ainda é importante destacar outras questões que perpassaram aqueles homens, como a síndrome do “engraçado arrependido” que era o ressentimento por não terem o mesmo reconhecimento literário dado ao alto escalão da intelligentsia brasileira e o sentimento da *desilusão republicana*.¹⁴

Elemento fundamental nas construções humorísticas de Mendes Fradique foi o sentimento de desilusão com a República brasileira que sua geração herdou dos primeiros anos de 1889. Dos contrastes entre uma constituição formalmente liberal e aquela realidade oligárquica e excludente cresceu um viés cômico em intelectuais, como José do Patrocínio, Pardal Mallet e Artur Azevedo, que persistiu e disseminou-se nas letras e traços das revistas ilustradas da *Belle Époque* carioca. Uma vez que essa desilusão contemplava a fuga do ufanismo e de suas formas tradicionais de representação se esgotava nesses intelectuais mais renomados essa geração do riso continuou a desenvolvê-la.¹⁵ Não por acaso a *História do Brasil pelo método confuso*, publicado em 1920, parodiou os manuais patrióticos escolares e impressos ufanistas de grande circulação no período. Rocha Pombo, o autor de maior sucesso desse tipo de gênero e impresso, foi alvo de inúmeros chistes de Mendes Fradique:

Considerando que o meu livro não foi escripta pelo Sr. Rocha Pombo;
 Considerando que o meu livro não comporta elogios justos e merecidos;
 Considerando que a paciência do Sr. Rocha Pombo, embora maior que a do leitor, mal chega para aturar os intellectuaes do Garnier;
 Considerando que o prefacio do Sr. Rocha Pombo era tão indispensável a este livro como o Sr. Francisco Bressans ao Sr. Antonio Torres.¹⁶

13 Os dezesseis nomes foram: Artur de Azevedo, Alfredo Storni, Antônio Torres, Calixto Cordeiro (K. Lixto), Emílio de Menezes, Gastão Raul de Fourton Bouquet, Humberto de Campos Veras, João Batista Coelho (João Foca), José Carlos de Brito e Cunha (J. Carlos), José do Patrocínio, José Do Patrocínio Filho, José Madeira de Freitas (Mendes Fradique), Manuel Bastos Tigres, Max Cesarino Yantok, Raul Paranhos Pederneiras e Sebastião Cícero Guimarães Passos. Ver: SALIBA, E. T. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 78-79.

14 Ibidem. p. 132-152.

15 Ibidem. p. 66-69.

16 FRADIQUE, M. *História do Brasil pelo methodo confuso*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1923. p. 30.

Além de historiador, Rocha Pombo atuava como professor e escrevia vários artigos na imprensa favoráveis à instrução pública e às manifestações da classe operária.¹⁷ Em *Nossa Pátria*, Pombo ressaltou as características das três raças formadoras — o índio, o africano e o europeu — ecoando a visão positiva e harmoniosa da miscigenação.¹⁸ Ao criar versão humorística desses manuais ufanistas de sucesso, Mendes Fradique, assim como o sentimento de desilusão republicana, cumpriram o papel de trazer para o campo da pilhéria o civismo e a *pedagogia da nacionalidade* de Rocha Pombo. Mesmo aceitando que o Brasil estava longe de representar uma nação moderna, a referida pedagogia acreditava que a República, regime evoluído e moderno, possibilitaria o melhoramento de uma nação mestiça a partir da instrução.¹⁹

Ao contrário de tal esperança, o humor de Mendes Fradique sacaneava com tal “instrução” ao dizer que a República apenas aconteceu pela capacidade ignorante do Brasil em acreditar em abstrações. Pela *História do Brasil pelo methodo confuso*, o país chegou até o regime quando as lamentações de uma pobre República encontraram os ouvidos do cavaleiro mais valente de todos os idiotas, D. Quixote de La Mancha. Este, por sua vez, pensou que libertaria da masmorra uma lânguida donzela sofredora de grandeza espiritual e cabelos loiros.²⁰ No entanto, como em suas tradicionais aventuras, a realidade era bem diferente:

Numa grande sala, mobiliada à Luís XV, uma sucia de velhos debochados e fedelhos estroinas bebiam e cantavam numa orgia infernal os mais repinicanos maxixes e cancans.

Havia também uma mulher seminua, de cigarro no canto da boca, tipo característico de **divette** de Montmartre.

A beleza pouco delicada das feições traía, sob as sedas e joias, a sua origem ultra democrática.

Era morena ardente, robusta, e usava barrete frígio.

Tinha o salero da espanhola, a jovialidade da francesa e o comodismo da americana.²¹

17 Em 1900, Rocha Pombo integrou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) depois de publicar *O Paraná no centenário* e *Compêndio da História da América* no concurso de 1889. Apesar de Capistrano de Abreu ter classificado os dez volumes da *História do Brasil* de Rocha Pombo como estudos falhos com quase nada de pesquisa documental, o manual didático *Nossa Pátria* de 1917 foi inúmeras vezes reeditado e ficou no catálogo da Editora Cia. Melhoramentos até a década de 1970. TAVARES, M. R. O nacionalismo brasileiro em prosa: Rocha Pombo e narrativa histórica de nossa pátria. *Revista Vernáculo*, n. 27, 10 sem. 2011.

18 Ibidem. p. 16.

19 Ver sobre DUTRA, E. R. de F. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte, Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

20 FRADIQUE, M. *História do Brasil pelo methodo confuso*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1923. p. 155.

21 Ibidem. p. 158, grifo nosso.

Se Rocha Pombo atribuía otimismo à nação republicana e miscigenada, Mendes Fradique salientava o viés da degenerescência moral e racial da população. Ao zombar da ilusão republicana, o humorista não cansou de destacar como a campanha que permitiu a Proclamação fora vã, imatura, irresponsável e, exceto pela fome dos jornais pelos escândalos, sem propósito. Diferente de Marianne, a alegoria feminina bela, corajosa e justa que encarnou o ideal republicano e revolucionário francês, a alegoria da República brasileira era lasciva, imoral e não branca. Mendes Fradique mobilizou elementos artísticos do universo popular — o maxixe, o *can-can* e a *divette* do teatro das operetas — e as teorias que relacionavam a miscigenação e os corpos negros à criminalidade e à depravação para metaforizar um regime deficitário e imoral.

Segundo Cleverson Carneiro, a historiografia do final do século XX aproximou excessivamente Mendes Fradique, principalmente, a *História do Brasil pelo método confuso*, à literatura modernista.²² Tendo em mente uma hiper valorização da estética, como a paródia e o meio tipográfico, a produção de Fradique ganhou relevância modernista, apesar do autor sempre se posicionar avesso aos ideais do movimento.²³ Se a ideia era desmanchar a pátria idílica pintada pelo ufanismo republicano conservador, Fradique foi muito além e não escondeu sua admiração pela ordem imperial. Em sua história do Brasil, enquanto simbolizava a República por meio de uma figura feminina imoral, não branca e rude, retratou a Monarquia como uma senhora notável pela honestidade e sabedoria.²⁴

Da mesma forma que fez com o regime republicano, Fradique satirizou a campanha abolicionista e os esforços de Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e os irmãos Rebouças atribuindo as glórias do feito ao ímpeto “do Sr. Manoel pela Flauzina, nutrida jaboticaba, mucama dengosa, nos tempos modernos promovida a melindrosa”. Segundo o humorista, a escravidão terminou não pelos esforços de ideólogos dos

22 Ver CARNEIRO, C. R. *Mendes Fradique e seu método confuso: sátira, boemia e reformismo conservador*. Tese (Doutorado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

23 Em sua *História da Caricatura do Brasil* (1963), Herman Lima afirmou que Mendes Fradique conquistou algum prestígio depois que caricaturou, em janeiro de 1919, Rui Barbosa na revista *D. Quixote* (1917-1927). Mesmo atribuindo pouco valor ao que classificou como humor de anacronismos históricos, Herman elogiou suas anedotas em detrimento dos seus desenhos. Contemporâneo a Herman Lima, Raimundo de Menezes reconheceu a popularidade dos livros de Mendes Fradique e considerou-o imitador de Emílio de Menezes. Diferentemente desses, estudos dos anos 80 e 90 atribuíram importância significativa ao “método confuso”, aproximando-o de obras de referência do movimento modernista, como *Poesia Pau Brasil* e *Macunaíma*. Ver: LUSTOSA, I. *Brasil pelo método confuso – humor e boemia em Mendes Fradique*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993; BUSATTO, L. *Mendes Fradique e sua gramática*. FRADIQUE, M. *Grammatica portuguesa pelo método confuso*. 3ª. ed. fac-símile. Rio de Janeiro: Rocco/UFES, 1984; GURGEL, T. *Pai, filhos, espírito da coisa*. Natal: Ed. do autor, 1988 apud CARNEIRO, C. R. *Mendes Fradique e seu método confuso: sátira, boemia e reformismo conservador*. Tese (Doutorado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. p. 11-12.

24 FRADIQUE, M. *História do Brasil pelo método confuso*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1923. p. 159.

direitos alienáveis do homem, mas devido ao entrelaçamento racial natural da sociedade, classificado por ele como “vontade impessoal da Pátria”.²⁵ Essa leitura histórica, aproxima-se daquelas dos parlamentares do Império que eram contra o abolicionismo e a imposição de leis que alterassem o regime escravocrata, como a Lei Rio Branco de 1871, ao alegar que a escravidão estava fadada naturalmente ao desaparecimento, porém antecipá-lo poderia causar danos sociais e econômicos.²⁶

O historiador Elias Thomé Saliba destacou o texto *As ideias do meu cavalo*, de Fradique, como exemplo do ceticismo desiludido de alguns autores daquela geração. Porém, em Mendes Fradique, a desilusão com a República e a modernidade não desembocou num profundo niilismo e descrença da humanidade.²⁷ Na década de 1920, Madeira de Freitas aproximou-se da reação católica do ensaísta Jackson de Figueiredo e a sátira de Mendes Fradique foi se tornando cada vez mais combativa, antimoderna e de restauração de valores morais e culturais.²⁸ Em 1928, na compilação de textos publicados em jornais reunidos no livro *Idéas em zig-zag*, Fradique abandonou a sátira em alguns momentos e fez solenes elogios à figura e ao governo de Benito Mussolini.²⁹

Na década de 1930, Madeira de Freitas entraria para o alto escalão da Ação Integralista Brasileira (AIB), considerado o movimento de inspiração fascista mais popular da América Latina e abandonou a sátira e o pseudônimo em suas publicações.³⁰ Em 1936, a infiltração comunista na educação e na cultura era o grande temor que Madeira de Freitas intitulou de “Plano infernal”. Em publicação no jornal oficial dos camisas verdes, expunha o quanto eram “meticulosos”, “sutis”, “subterrâneos” e

25 Ibidem. p. 152.

26 Sobre isso ver ALONSO, A. *Flores, votos e balas — o movimento abolicionista brasileiro (1868-1898)*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

27 No diálogo com seu cavalo, Fradique revela toda a sua descrença no gênero humano e isso, segundo Saliba, seria parecido com os arroubos de Jonathan Swift em *Viagens de Gulliver*, romance identificado como marco do humor conservador contra posições liberais. Sobre o texto de Mendes Fradique e romance de Swift, ver SALIBA, E. T. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 144; MOTTA, R. P. S. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 32.

28 CARNEIRO, C. R. *Mendes Fradique e seu método confuso: sátira, boemia e reformismo conservador*. Tese (Doutorado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. p. 131.

29 FRADIQUE, 1928. p. 221 apud CARNEIRO, C. R. *Mendes Fradique e seu método confuso: sátira, boemia e reformismo conservador*. Tese (Doutorado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. p. 190.

30 Fruto da Sociedade de Estudos Políticos (SEP), o movimento político foi fundado, em 1932, por Plínio Salgado e sustentava saudação própria, uniforme, bandeira e símbolo. Com base no lema “Deus, pátria e família”, propagou ideais antissemitas, antidemocráticos, antiliberais e anticomunistas. Ver: GONÇALVES, L.P.; NETO, O. C. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2020; ARAÚJO, R. B. *Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plínio Salgado*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988; TRINDADE, H. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 1ª Ed. São Paulo: DIFEL, 1979; e CARVALHO, L. D. de. *O saneador do Brasil: saúde pública, política e integralismo na trajetória de Belisário Penna (1868-1939)*. Tese de Doutorado. FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2019.

“esmaltados” os processos de dominação dos agentes de Moscou. Para ele, os agentes poderiam ser liberais democratas disfarçados ou educadores que, sob pretexto de inovação pedagógica, substituíam a arquitetura tradicional por desproporcionais figuras cubistas em forma de máquinas. Ou ainda, produtores de cartilhas que na letra “L” só colocavam um nome próprio, como exemplo, “Lenine”, em referência a Lênin. Também poderiam ser comediógrafos que camuflavam a base moral comunista com enredos empolgantes e, do mesmo modo, poderia acontecer no cinema “através de comédias desopilantes ou nas entrelinhas de dramalhões tremendos”. Segundo Madeira de Freitas, o comunismo atuaria nos cenários, decorações, nos concertos musicais e em expressões artísticas primitivas.³¹

Em 1938, Madeira de Freitas participou do levante integralista contra Getúlio Vargas no Palácio da Guanabara e, ao ser preso, sofreu um derrame que interrompeu sua carreira e o levou à morte em 1944.³² Como integralista, Madeira de Freitas deixou o humor e a estética modernista de Mendes Fradique, porém não se pode dizer que o ímpeto antimoderno e reacionário não estavam presentes desde a época das publicações em *D. Quixote*. Na condição de redator chefe da principal publicação integralista, Madeira passou a explorar o drama para alertar sobre a urgência de lutar contra os modernismos que levariam a nação ao comunismo. Em 1937, a retórica anticomunista também foi usada pelo discurso oficial do governo como parte crucial para o golpe de estado promovido por Vargas. De modo parecido o discurso viabilizaria, mais tarde, outro regime de exceção em 1964.

31 FRADIQUE, M. O Plano Infernal. *A Offensiva*. 22 set. 1936.

32 Os sublevadores de maio de 1938 atacaram em condições precárias e rivalizaram com a guarda individual do presidente no Palácio do Guanabara. Estranha foi a demora da polícia e do exército para intervir, o que abre margem para a ideia de conluio. O ministro da guerra Erico Gaspar Dutra, que havia escapado da tentativa de sequestro, conseguiu chegar ao local com soldados do Forte do Leme e pôr fim ao ataque, sendo o único comandante militar a comparecer ao local. Segundo Hélio Silva, o golpe foi orquestrado também fora do círculo integralista, tendo o apoio do jornal *Estado de S. Paulo* e de Flores Da Cunha do seu exílio. SILVA, 1971, p. 147-156 apud NETO, L. *Getúlio: do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 330.

Radicalizando a “Revolução”

Em 1961, depois da renúncia de Jânio Quadros à presidência, setores conservadores recebiam um país conduzido por João Goulart, um herdeiro da política de Vargas e próximo ao sindicalismo. Com crise econômica e intensa polarização política e social, a tensão dominou grupos impressos e radiofônicos que se uniram para criar a Rede da Democracia contra o chamado perigo vermelho.³³ Segundo Rodrigo Patto Sá Motta, tal polarização impulsionou a caricatura de tendência política nos grandes jornais da época, no qual os traços de Hilde Weber apareceram entre os mais virulentos.³⁴

Hilde Weber concluiu os seus estudos na Escola de Artes Gráficas de Hamburgo e mudou-se para o Brasil para viver com seu pai em 1933. Quando chegou, a revista *O Cruzeiro* publicou matéria informando que a jovem era colaboradora assídua das revistas *Hamburger Fremdenblatt*, *Hamburger Anzeiger* e *Verchiedene Kinderbuche* e estava naquele momento em turnê pela América do Sul.³⁵ Segundo *O Cruzeiro*, Weber era dona de traço singular e nervoso e, diferente do que se previu, a alemã não voltou à Europa e passou a trabalhar no Brasil ao lado de Rubem Braga nos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand.³⁶ Nos anos 1950, na *Tribuna da Imprensa*, jornal de maior oposição a Getúlio Vargas, a humorista se destacou com as caricaturas antigetulistas e antiperonistas.³⁷ Em 1962, Weber se transferiu para *O Estado de São Paulo* e seu traço humorístico continuou de apoio às forças conservadoras, sobretudo, de repúdio ao governo João Goulart e às esquerdas.

33 CARVALHO, A. C. de. *A Rede da Democracia — O Globo, O Jornal e Jornal do Brasil na queda do governo Goulart (1961-1964)*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

34 MOTTA, R. P. S. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 9-11.

35 Uma ilustradora alemã. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 5, n° 43, 16 de set. 1933. p. 12.

36 HILDE, W. *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2022.

37 SANTOS, R. G. C. dos. As charges antiperonistas de Tribuna da Imprensa (1949-1955). *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 18, 2016. p. 245.

Figura 1



Fonte Uma ilustradora alemã. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 5, nº 43, 16 de set. 1933. p. 13.

Depois de sua passagem pelo Ministério do Trabalho do governo Vargas, em 1953, Jango tornou-se próximo ao movimento sindical, e depois, como presidente, era comum receber tais lideranças em seu gabinete. Para a oposição, tal situação soava como descalabro político e moral, visto que Jango seria anuente com o cenário grevista em troca de apoio político. Outras análises mais radicais apostavam que Jango pretendia fundar uma República sindicalista com apoio dos comunistas que se infiltravam e dominavam o movimento operário.³⁸ Ainda que estas últimas se concentrassem entre os anticomunistas mais extremados, essas análises passaram, a partir de 1963, a fazer parte da opinião pública conservadora em geral.³⁹ Foi nesse contexto que o jornal *Estado de S. Paulo* publicou, no dia 4 de outubro de 1963, a caricatura “Manifestação popular” que ironizava, justamente, o caráter popular de Jango e dos sindicatos da época.⁴⁰

38 MOTTA, R. P. S. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 103.

39 MOTTA, R. P. S. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2000. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. p. 336.

40 Apesar dos desenhos gráficos de Hilde poderem ser classificados como charge, adoto o termo caricatura pela sua designação mais ampla de humor gráfico em suas diferentes manifestações ao longo da histórica. Incorpora-se aqui a mesma lógica de MOTTA, R. P. S. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 15.

Figura 2



Fonte Hilde. *Estado de S. Paulo*. 5 de out. 1963. p. 4.

Assinada por Hilde W., a caricatura política fazia referência direta à manifestação que organizações sindicais tentaram organizar no dia anterior em comemoração à aprovação da lei do salário-família.⁴¹ O Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), o Pacto de Ação Conjunta (PAC) e o Fórum Sindical de Debates (FSD) queriam um comício na Praça da Sé com a presença de João Goulart sancionando a lei. No entanto, Jango confirmou que não participaria e os organizadores não conseguiram autorização para o evento do secretário de segurança da cidade de São Paulo. Segundo o jornal *Estado de S. Paulo*, cerca de trinta guardas civis e alguns investigadores do DOPS estiveram na Praça na hora prevista para o comício, porém, a chuva fez com que as autoridades se dispersassem haja vista a situação de normalidade no local. Mais à noite, a Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de São Paulo — órgão, segundo o jornal, de extrema esquerda e dominada por comunistas - soltara nota de cancelamento do evento pelas entidades sindicais.⁴²

Na prática, o comício envolveu uma queda de braço entre as organizações sindicais e o comandante do II Exército, Peri Bevilacqua, que alegou falta de estrutura para a sua realização e que eventos políticos na Praça eram proibidos há anos. Bevilacqua, assim como o próprio ministro da Justiça Federal, Abelardo Jurema, também consideravam

41 O salário-família era a quota percentual adicionada, calculada sobre o valor do salário-mínimo local por filho menor de qualquer condição até 14 anos de idade. Ver: Lei 4266/63 | Lei nº 4.266, de 3 de outubro de 1963.

42 COMPLETO malogro do CGT: não se realizou o comício. *Estado de S. Paulo*, 5 de out. 1963. p. 4.

espúrias tais entidades. No dia marcado para a realização do comício, o *Estado de S. Paulo* publicou que o Presidente não iria ao evento porque evitava aparecer em público com o CGT, como parte de sua estratégia de não criar rugas com Bevilacqua e o meio militar.⁴³ Vale lembrar que a tentativa do comício ocorreu em um momento de tensão para o governo devido o envio ao Congresso da proposta de Estado de Sítio. Sem angariar apoio da esquerda e muito menos da direita, a proposta fora retirada, mas levantou-se a suspeita de que havia em curso um plano para cassar o mandato do governador Carlos Lacerda, maior nome da oposição. Dessa maneira, a participação de Jango no comício sindicalista poderia dar mais fôlego aos radicais que diziam que o governo tinha planos conspiratórios e acarretar a perda de antigos aliados conservadores, como o próprio comandante Bevilacqua que, em 1961, foi decisivo na Campanha da Legalidade que garantiu a posse de Jango depois da renúncia de Jânio Quadros.⁴⁴

Se o governo Goulart tinha posição cautelosa a fim de não perder o centro político e antigos aliados, a caricatura de Hilde Weber atuava contra tal estratégia. Ignorando que Jango não estaria em São Paulo na data do comício e que o evento em si nem mesmo ocorreu, Weber usou da liberdade do humor para fugir dos acontecimentos e criar um cenário que correspondia às teses da direita radical: Jango nos braços dos ardilosos sindicalistas. Na imagem, a ironia aparece logo no título, uma vez que a classificação de “popular”, tão importante às esquerdas, seria apenas demagógica. Segundo Hilde, os verdadeiros populares estariam fora da manifestação, como a mãe lavadeira, o senhor de chapéu e o homem com a sua pasta de trabalho. Enquanto os três sujeitos que vestem as siglas sindicais apresentam expressões torpes, os verdadeiros populares aparecem como vítimas da manifestação dos sindicatos e seus líderes. Apesar do Presidente não apresentar as mesmas expressões pérfidas dos sindicalistas, sua feição é de alguém não atento, passivo e até inocente, o que corroborava com a percepção da época, inclusive na esquerda, de que Jango era ambíguo e pouco sustentava convicções políticas profundas.⁴⁵ Em suma, mesmo com a estratégia de Goulart em não participar do comício, o traço de Hilde Weber corroborava com a percepção dos leitores do *Estado de S. Paulo* de que Jango estaria junto da considerada extrema esquerda, ou, então, era usado apenas como um brinquedo para suas intenções vis.

43 GOULART evita participar do comício articulado pelo CGT. *Estado de S. Paulo*. 4 de out. 1963. p. 3.

44 Depois de ser decisivo na Campanha da Legalidade que garantiu a posse de Jango, Peri Bevilacqua foi atuar em São Paulo. Como comandante do II Exército, Bevilacqua aproximou-se do governador Ademar de Barros e se destacaria pela afronta aos sindicatos. BEVILACQUA, P. CPDOC. FGV. Ver em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/peri-constant-bevilacqua>>. Acesso em: 5 de jul. de 2022.

45 MOTTA, R. P. S. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 70.

Entre a sua posse e a sua deposição, Jango foi alvo reiterado de caricaturas que o retratavam, muitas vezes, como próximo ao comunismo ou condescendente à sua infiltração em cargos públicos. Publicadas em grandes jornais da época, caricaturas como as de Weber, Biganti e Adail ajudaram a pintar o quadro negativo que viabilizou o desejo de uma intervenção fora do padrão institucional.⁴⁶ O medo e desconforto naquele momento, sobretudo nos setores médios e conservadores era de que o governo Jango conduzia, direta ou indiretamente, o país ao comunismo. Em nome disso, antigos adversários selaram uma grande frente contra o perigo vermelho e João Goulart, que por sua vez, entre omissões e erros de cálculos, acabou perdendo o centro político e a sua sustentação militar.⁴⁷

Após o golpe, o Comando Supremo da Revolução estabeleceu o Ato Institucional nº 1 (AI-1) que, entre outros, concebia poder para a cassação a mandatos políticos, demissão de agentes públicos e a eleição indireta para o cargo de presidente. No dia 10 e 11 de abril, 41 deputados foram cassados, 122 oficiais afastados do exército e 29 trabalhadores ligados às identidades sindicais desligados. Nomes importantes do cenário político nacional perderam seus direitos políticos, como o ex-presidente Jânio Quadros, o governador Brizola e o líder do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Carlos Prestes. Três dias depois mais uma lista de cassados foi divulgada e, no dia 15, o general Castelo Branco foi eleito indiretamente o novo presidente do Brasil.

Apesar de ter sido o nome indicado pelo Comando Supremo da Revolução, não se deve supor que o governo de Castelo esteve isento de críticas, dúvidas e disputas entre os agentes do golpe. Em seus primeiros meses, diferentes expectativas sobre o alcance e o futuro da “Revolução” começaram a se chocar. Em junho de 1964, quando se aproximava o fim do prazo previsto para as cassações, a pressão se intensificou para que Castelo Branco tomasse medidas mais enérgicas a favor dos ideais revolucionários que supostamente livraram o país da ameaça vermelha. Mais do que uma divergência entre civis e militares, setores da sociedade civil cobravam que o prazo para o fim das cassações fosse estendido, como foi o caso das mulheres organizadas em associações anticomunistas e filantrópicas.

No dia 10 de junho, noticiou-se no *Estado de S. Paulo* que depois da Marcha das Mulheres com Deus pela Liberdade, as “Mulheres Brasileiras de São Paulo” voltavam a se mobilizar em favor da prorrogação da vigência do Ato Institucional para que todos os corruptos e “agentes do totalitarismo vermelho” fossem punidos.⁴⁸ Reunidas na sede

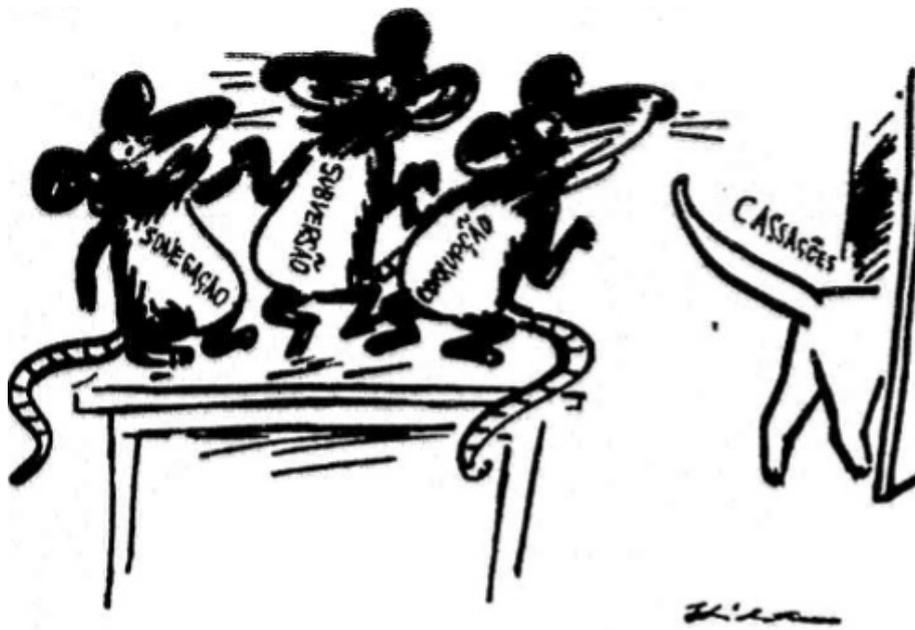
46 MOTTA, R. P. S. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 329.

47 CARVALHO, J. S. *Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 164-165.

48 A Marcha da Família com Deus pela Liberdade foram manifestações públicas, organizadas por mulheres cristãs e anticomunistas, que ocorreu em várias capitais do país em defesa da intervenção militar e da

do Movimento de Arregimentação Feminina (MAF), elas produziram uma mensagem ao marechal Castelo Branco que reafirmava a confiança no Presidente, todavia perguntava-lhe se todos os “marginais da vida democrática” haviam sido investigados. Quase duas semanas depois, dia 23 de junho, a caricatura de Hilde no jornal apresentava a mesma posição sobre o fim do Ato Institucional expressado pelo movimento das mulheres de São Paulo.

Figura 3



Fonte Hilde. *Estado de S. Paulo*, 23 de junho de 1964. p. 4.

Mesmo Castelo Branco liberando naquele mês mais uma lista de cassados, Hilde Weber reforçou o desejo do adiamento do prazo de cassações. Assim como expressou aquelas mulheres organizadas de São Paulo, o gato da “revolução” deixava a cena sem comer todos os ratos da “sonegação”, “subversão” e “corrupção”. As Marchas da Família por Deus e pela Liberdade e as “operações limpeza” adotadas por estados e prefeitura criavam um clima de euforia, no qual a caricatura correspondia ao anseio da restauração pública oportunizada pela “Revolução de Março”. Além do desagrado de parte dos militares com certas decisões de Castelo, a conhecida “linha dura” do regime, é

restauração da ordem institucional. Sobre a primeira Marcha que ocorreu em São Paulo, no dia 19 de março daquele ano, aponta-se que é preciso ir além da ideia de manifestação elitizada e considerar a pluralidade social envolvida e a forte afirmativa pública dos grupos de direita que compunham o repertório político dos anos 1960. Num trabalho, segundo elas mesmas, de “mobilização da opinião pública”, essa participação e evocação da figura mulher não despolitizava o movimento, mas transcendia-o além do campo, considerado, mesquinho da política para recorrer a figura incontestada e sagrada da mãe em defesa de sua família. CORDEIRO, J. M. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade em São Paulo: direitas, participação política e golpe no Brasil, 1964. *Revista de história*, São Paulo, n.180, 2021. p. 4 e 10.

interessante notar como grupos civis engajados exigiam a radicalização da ditadura no que diz respeito à investigação e à repressão de comunistas e corruptos. A mensagem ao presidente, publicada no dia 10 de junho, foi assinada pela Movimento de Arregimentação Feminina (MAF), Associação Cívica Feminina (ACF), a Liga Independente pela Liberdade (LIL) e associações trabalhistas e filantrópicas. No que tange à participação feminina, deve-se ressaltar a atuação da União Cívica Feminina (UFC) em São Paulo, da Cruzada Democrática Feminina (CDF) de Pernambuco e a Campanha da Mulher pela Democracia (CAMBE) na Guanabara.⁴⁹ Sobre o grupo carioca CAMDE, há registros de participação delas em evento internacional, o *World Anti-Communist League* de 1968, em Saigom.⁵⁰

O debate na direita em torno do governo Castelo não ocorreu somente no âmbito das cassações, mas também a certas mudanças constitucionais enviadas ao Congresso. Em sua proposta de reforma política, que foi quase toda ela aceita pelo Congresso, houve a intenção de conceder aos analfabetos direito ao voto, o que causou desconfortos. A União Democrática Nacional (UDN), apoiadora do golpe e do governo, entrou em desacordo com o governo diante de propostas de mudanças constitucionais. Comungando do mesmo liberalismo conservador de aversão à integração e ao popular, o humor de Weber se opôs à proposta e, dessa vez, caricaturou um Castelo Branco velho, cansado, melancólico e assombrado pelo fantasma de Jango.

Segundo a caricatura publica no *Estado de S. Paulo* do dia 24 de junho, Castelo Branco estava sob o efeito paranormal do fantasma de Jango que ainda rondava a presidência. Ao trazer a figura de Goulart à proposta, lembrava que aquela era uma pauta da esquerda que fora de maneira irracional e fantasmagórica colocada em votação pelo governo que tinha o substituído. Em outra leitura, a aproximação de Jango a Castelo atribuía ao segundo as mesmas contradições do primeiro, político dúbio com pouca convicção ideológica. De qualquer forma, Weber riu de uma proposta progressista do governo militar e, novamente, manteve-se à direita dele.⁵¹

49 OTTA, R. P. S. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. p. 298.

50 SIMÕES, S. D. *Deus, Pátria e Família. As mulheres no golpe de 1964*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 104; MOTTA, R. P. S. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 179.

51 Apesar de levar-se em conta que era comum à época o tema da ilustração acompanhar o editorial ou a notícia, não se acredita que a longevidade da carreira da artista em jornais conservadores e de críticas ácidas aos opositores tenha se dado por imposição profissional. Observando trabalhos de outros artistas do gênero, percebe-se certa liberdade para caricaturar diferentes aspectos e ângulos do noticiado. Weber teve sucesso e longevidade em grandes jornais de viés liberal-conservador foi por afinidades ideológicas e, é claro, pelo seu talento como caricaturista política.

Figura 4



Fonte Hilde. *Estado de S. Paulo*, 24 de junho de 1964. p. 4.

Além de salvar a nação de uma revolução comunista considerada eminente, os agentes do golpe de 1964 carregavam, como mencionado, o anseio de parte da população de limpar as instituições públicas da lama de corrupção. Apesar de desde o Império existir a autoimagem da nação que sangra pelas chagas da corrupção,⁵² é certo dizer que o discurso mobilizador naquele momento foi construído ao longo dos anos 1950, principalmente, pela UDN.⁵³ De maneira similar, na década de 2010, a anticorrupção voltou a ser bandeira mobilizada por setores pró-mercado e da direita a fim de fomentar um sentimento antiesquerdista na sociedade. Na ascensão e consolidação do que ficou conhecida como a nova direita brasileira, a ferramenta do humor e do riso tiveram papel de grande relevância.

- 52 O Índio Brasil, figura alegórica que representava a nação nas revistas e jornais ilustrados do século XIX, era constantemente desenhado sangrando por ataques da corrupção. Igualmente comum era a representação do país como uma grande porca leiteira, no qual os políticos eram como filhotes, mamadores insaciáveis, daquele leite (riqueza) produzido. PEREIRA, R. R. *Semana Ilustrada, o Moleque e o Dr. Semana: imprensa, cidade e humor no Rio de Janeiro do 2º Reinado*. Dissertação (mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 2015.
- 53 Em 1953, o deputado Aleomar do mesmo partido cunharia a expressão “mar de lama”, que se tornaria um símbolo anticorrupção na época: “chega até os pés do presidente da república a onda desse mar de lama”. Ver : *Tribuna da Imprensa*, 30 de maio 1953, p. 1-2 apud KNACK, D. *O combate à corrupção durante a ditadura militar por meio da Comissão Geral de Investigações (1968-1978)*. Dissertação (Mestrado). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. p. 10.

O “é proibido proibir” da direita

A nova direita brasileira pode ser definida como o engajamento, a partir dos anos 2000, de juristas, estudantes, intelectuais, jornalistas, blogueiros, empresários, políticos e artistas por meio de institutos, movimentos, programas de rádio, televisão e, principalmente, os novos espaços digitais da internet. Segundo Cêpeda, a alcunha de “nova” ainda é matéria de disputa, mas se atribui devido aos novos locais de engajamento (fora de partidos) e a marca de novas lideranças.⁵⁴

É perfeitamente possível notar continuidades da “nova” com as “antigas” direitas, mas existem elementos e nuances marcantes na nova onda direitista, classificado por Camila Rocha como frente ultraliberal-conservadora, que torna adequado o uso do termo “nova”.⁵⁵ Diferente da década de 1990 e o fenômeno que a cientista política Timoty Power classificou na Argentina como “direita envergonhada”, a nova direita não teve nenhum receio ao se autointitular como direita — alguns como conservadores e outros liberais ou ultraliberais. Apesar das diferenças ideológicas terem ocasionado embates e trituras, houve consensos importantes que permitiram a coalizão, como o desejo de encerrar os governos e vitórias eleitorais petistas, a oposição ao modelo de Estado desenhado na Constituição de 1988 e o diagnóstico sobre a hegemonia cultural de esquerda na mídia e nas universidades.⁵⁶ Apesar da relevância dessas questões, ainda pode-se dizer que a nova direita se caracterizou de outros movimentos muito mais pela forma do que pelo conteúdo. Diferente de movimento políticos tradicionais, as novas lideranças e coletivos atuavam com performances alternativas e disruptivas que envolviam linguagem agressiva, mas também irônica e humorística.⁵⁷

54 CÊPEDA, V. A. A nova direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Mediações*, Londrina, v. 23, n. 2, maio-ago. 2018.

55 ROCHA, C. *Menos Marx, mais Mises: O liberalismo e a nova direita no Brasil*. São Paulo: Todavia, 2021. p. 7.

56 Muitas vezes taxado de pai da nova direita, o pensador Olavo de Carvalho foi um dos primeiros a levantar tal questão. Em seu livro *A nova era e a revolução cultural*, publicado em 1994, Carvalho denunciava uma revolução silenciosa de esquerda que acontecia no Brasil e na América Latina através da cultura. Não se pode dizer que, na década de 2010, que ultraliberais, conservadores e liberais aderiram a tal ideia conspiratória, porém havia certo consenso que as ideias liberais e conservadoras não tinham o espaço merecido que deveriam ter na sociedade civil.

57 Camila Rocha se utilizou do termo contrapúblico para pensar a atuação da nova direita. Originalmente, o conceito foi elaborado para pensar grupos sociais subalternos no debate público, mas novos estudos, como o de Michel Warner, mostraram que esse tipo de atuação na contra publicidade não era exclusividade de grupos oprimidos. Nessa releitura, a subalternidade deixou de ser central na definição do conceito e os elementos de performance e linguagem poética disruptiva ganhou maior destaque. Nesse novo conceito analítico pós-hermesiano de público e contra público, esses tornaram-se menos estáticos, visto que dominação e hegemonia são elementos dinâmicos. A publicidade hegemônica pode vir a perder credibilidade e a contra publicidade, aquela que ataca uma visão de mundo hegemônica, ganhar. Os membros dos contra públicos se utilizam de performance disruptivas, política de choque, e compartilham da opinião que existe um horizonte cultura hegemônico que os silencia, os ataca e até os ridicularizam. Por exemplo, membros de contra públicos queer leem a heteronormatividade como hegemônica no público dominante da mesma maneira que membros de contra públicos de direita veem o globalismo como parte da cultura dominante. Contudo, é preciso

Entre os jovens oriundos da militância digital em prol das ideias ultraliberais emergiu nacionalmente o Movimento Brasil Livre (MBL). O MBL nasceu em 2014 e logo foi, junto com o Revoltados Online (ROL), o primeiro grupo a mobilizar quantidade significativa de pessoas favoráveis ao impeachment de Dilma Rousseff.⁵⁸ Um dos exemplos de mobilização que caracterizou essa juventude foi, ainda em 2014, o apoio à campanha do empresário Paulo Batista à deputado estadual de São Paulo. Com a temática do “Raio Privatizador”, a propaganda do candidato, massificada na plataforma Youtube, projetava um super-herói que voava pela cidade e privatizava tudo com seu raio magnético. Embora o deputado não tenha sido eleito, a campanha ganhou destaque em matéria do *New York Times* sobre como propagandas políticas zombeteiras e ultrajantes faziam sucesso no Brasil.⁵⁹ Apesar de ter conseguido, posteriormente, ganhar cargos públicos e políticos, as lideranças do MBL não abandonaram a ideia da irreverência na política. Em 2021, o movimento chegou a contratar uma pesquisa para averiguar a viabilidade de Danilo Gentili, apresentador e ícone do humor no país, como candidato à presidência para 2022.⁶⁰

Em outubro de 2011, uma reportagem não assinada no jornal britânico *The Guardian* destacava o boom do stand-up comedy no Brasil. O título, a saber, era: “Brazil’s stand-up comics lead revolution against powerful elites”.⁶¹ Segundo a reportagem, a popularidade da nova geração de comediantes ocorria pelo fato do alargamento dos limites da crítica em um país de passado autoritário. Destacava-se a pluralidade do movimento por ocorrer em diferentes capitais e ser representado por comediantes negros e de origem humilde, como, respectivamente, Robson Nunes e

diferenciar o público dominante e os contra públicos marginais subalternos dos contra públicos marginais não subalternos, que é o caso de membros da nova direita no Brasil. Ver: ROCHA, C. *Menos Marx, mais Mises: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)*. Tese (Doutorado em Ciência Política). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. MEDEIROS, J. M. S. de. *Movimentos de mulheres periféricas na Zona Leste de São Paulo: ciclos políticos, redes discursivas e counterpublics. Doctoralthesis*. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2017; e WARNER, M., *Publics and Counterpublics*. New York: Zone Books, 2002.

58 ROCHA, C. *'Menos Marx, mais Mises': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)*. 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. p. 167.

59 ROMERO, S. Brazil's Politicians Often Play The Clown in Ads. *The New York Times*, 2 set. 2014. Americas. Disponível em: «https://www.nytimes.com/2014/09/03/world/americas/brazils-politicians-often-play-the-clown-in-ads.html?_r=0&fbclid=IwAR17ksfHpSyGdSCoURITjVebIzK7ItpKwybSB3WeYBDSHZfVbcQazYea7yg». Acesso em: 9 de nov. de 2021.

60 OS PINGOS nos Is. Com apoio de Moro, MBL tenta emplacar Danilo Gentili como presidente. YouTube, 9 de abril 2021. Disponível em: «https://www.youtube.com/watch?v=67nQNVcC-Cw&ab_channel=OsPingosnosIs». Acesso em: 26 de maio 2023.

61 PHILLIPS, T. Brazil's stand-up comics lead social revolution against powerful elites. *The Guardian*, 2 out. 2011. The Observer. Disponível em: «<https://www.theguardian.com/world/2011/oct/02/brazil-comedy-standup-danilo-gentili>». Acesso em: 18 mar. 2021.

Danilo Gentili.⁶² Com a sua foto ilustrando a matéria, Gentili recebeu centralidade e foi apresentado como controverso, audacioso, crítico e protagonista do gênero.

No Brasil, a reportagem repercutiu em diversos veículos nacionais, como no caso da revista *Veja* (2011) que publicou: “Piada? Jornal britânico vê revolução social em humor politicamente incorreto no Brasil”.⁶³ Apesar do *The Guardian* não ter feito menção ao “politicamente incorreto”, o título refletia o posicionamento da revista acerca do debate nacional sobre a questão. A partir dos anos 1990, publicações deferidas pelo Ministério da Educação (MEC) passaram a incitar, além de outros, o debate sobre o politicamente correto no país. Nos anos 2000, a cartilha *Politicamente correto & direitos humanos* (2004) foi suspensa pelo próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva que considerou a iniciativa desnecessária.⁶⁴

Defensor do humor politicamente incorreto e da liberdade de expressá-lo, Gentili tem trajetória marcada por polêmicas, intrigas e processos jurídicos, como quando respondeu, em 2012, a um homem negro no Twitter: “Quantas bananas você quer para deixar essa história pra lá”.⁶⁵ Em 2016, Danilo foi notificado extrajudicialmente pela Procuradoria Parlamentar a apagar mensagens ofensivas contra a deputada federal Maria do Rosário (PT). No entanto, ao invés disso, ele postou um vídeo rasgando a notificação, colocando-a em sua cueca e, depois, reenviando as sobras ao remetente, seguido da mensagem: “cheira e enfia na bunda”. Em abril de 2019, Danilo Gentili foi condenado pela juíza federal Maria Isabel do Prado a cumprir 6 meses e 28 dias de prisão em regime semiaberto por injúria machista à deputada.⁶⁶

62 Natural de Sandro André (SP), Gentili começou sua carreira em festivais de stand-up em São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba. Depois do sucesso no *CQC*, Danilo se tornou ícone do humor com grande audiência na internet e televisão. Além de defensor e incentivador da promoção da comédia stand-up, abriu em 2010 o clube de apresentações Comedians Comedy em São Paulo, passou a atuar como colunista, cartunista, ator, produtor e roteirista no cinema. Em 2011, transformou-se em apresentador do *Agora é Tarde*, programa de formato late-night talk show que passaria a se chamar *The Noite com Danilo Gentili* e se transferiria para o canal SBT em 2014.

63 Da redação. Piada? Jornal britânico vê revolução social em humor politicamente incorreto no Brasil. *Veja*, 3 out. 2011. Cultura. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/piada-jornal-britanico-ve-revolucao-social-em-humor-politicamente-incorreto-no-brasil/>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

64 ROSSINI, R. E.; SAIDEL, R. G., CALIÓ, S. A.; JESUS, I. L. Guia Prático sobre Ensino e Educação com Igualdade de Gênero. *Comunicação & Educação*, v. 8, 1997. p. 117-122; DOMINGOS, J. Partiu de Lula a ordem para suspender cartilha. *O Estado de São Paulo*, 6 mai. 2005. Nacional, p. A10. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/307726/noticia.htm?sequence=1>>. Acesso em: 19 mar. 2021; MENDES, A. O politicamente correto, de novo. *Blog do Noblat*, 06 mai. 2005. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2005/05/06/o-politicamente-correto-de-novo-22362.asp>>. Acesso em: 8 mar. 2021; EGYPTO, A. C. *Resenha do livro Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na infância e Adolescência: Guia Prático para Educadores e Educadoras*. São Paulo: Universidade de São Paulo — NEMGE/CECAE, 1996; QUEIROZ, A. C. *Politicamente correto & direitos humanos*. Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Brasília, 2004.

65 RIBEIRO, T. @jeanwyllys_real mais ou menos isso!, 4 out. 2012. Twitter: @LasombraRibeiro. Disponível em: <<https://twitter.com/ThglRibeiro/status/25370566703305232/photo/1>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

66 CRUZ, M. T. Danilo é condenado por injúria machista à deputada Maria do Rosário. Ponte, 10 abr. 2019. Disponível em: <<https://ponte.org/danilo-gentili-e-condenado-por-injuria-machista-a-deputada-maria-do>>

Danilo Gentili caracterizou-se, sobretudo, nas suas redes sociais, como crítico de partidos e ideários de esquerda e declarou voto em Bolsonaro nas eleições de 2018. *O riso dos outros*, documentário produzido por Pedro Arantes, em 2012, é uma fonte interessante para diagnosticar o posicionamento de Gentili em relação à sua prática humorística.⁶⁷ O humorista paulista, natural de Santo André, comenta sobre o conceito de liberdade de expressão no qual o público ou seus críticos poderiam achá-lo babaca, sem graça ou manifestar incômodo com seu trabalho. No entanto, para ele, ninguém teria o direito de usar meios para censurá-lo, inclusive por instrumentos de processos judiciais. Quando indagado a respeito do critério utilizado para a fabricação de suas piadas, Gentili invoca a mesma liberdade na hora de escolher seus alvos, sendo seu único critério o “fazer rir”.⁶⁸ Para Gentili e outros comediantes participantes, o politicamente correto fere a liberdade de expressão.

Segundo Mateus Gruda, o politicamente correto é a tentativa de normatização na esfera pública do respeito ao multiculturalismo e às denominadas minorias sociológicas.⁶⁹ Na contramão, o discurso conservador acusa-o de ineficácia e censura à liberdade de expressão. Aprofundando-se nas argumentações, o autor criticou a impotência do discurso politicamente correto quando focalizou exageradamente na homogeneização de termos em detrimento da compreensão histórica geradora de desigualdades.⁷⁰ No entanto, isso não justificaria o discurso conservador que inverte o binômio opressor-oprimido e responsabiliza o politicamente correto pelo suposto desmoronamento do mundo criativo.⁷¹

A ideia sobre liberdade expressada por Danilo Gentili no documentário é reveladora, pois sintetizou uma consensualidade entre integrantes dessa modalidade de humor e a nova direita no país: uma ideia sobre liberdade que não quer o humor, mas também o indivíduo e o Estado, entrelaçados às responsabilidades sociais. Em suma, Gentili e a nova direita quer libertar, respectivamente, o humor e o Estado das

[rosario/»](#). Acesso em: 18 mar. 2021.

67 O documentário conta com uma ampla participação de humoristas, cartunistas e intelectuais nacionais de diferentes posições políticas. A saber, Laerte Coutinho, Rafinha Bastos, Léo Lins, Fernando Caruso, Nany People, entre outros. Os entrevistados são provocados a analisar os limites humor e suas consequências no país.

68 O RISO dos outros. Direção: Pedro Arantes. *TV Câmara*, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uVyKY_qgd54>. Acesso em: 16 nov. 2022, min. 17.

69 GRUDA, M. P. P. *O discurso do humor politicamente incorreto no mundo contemporâneo*. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2015.

70 Ele cita como exemplos de exageros o caso das críticas ao Angeli, em 2010, num cartum publicado na *Folha de S. Paulo* e ao filme estadunidense *Jango Unchained* de Tarantino, em 2012. *Ibidem*. p. 158-159.

71 GRUDA, M. P. P. O controverso discurso do politicamente correto: algumas considerações e desdobramentos. *Revista Brasileira de Psicologia*, Salvador, v.1, n. 2, p. 148-163, 2014. p. 152.

cobranças de reparações morais, econômicas e históricas que movimentos e grupos sociais buscam. Além disso, não é errado dizer que a força do “politicamente incorreto” e da nova direita conseguiram reposicionar os limites da liberdade de expressão no país.⁷² Paulatinamente, ofensas, ameaças, incitações ao crime, louvores ao nazismo e outras ações criminosas passaram a receber o carimbo de liberdade de expressão. Assim, na abertura desse dique, pessoas pouco afeitas à democracia e aos direitos humanos ganharam mais popularidade com a pecha eufemista de “politicamente incorreto”, como foi o caso do então deputado Jair Bolsonaro.

Em junho de 2009, o então deputado federal Jair Bolsonaro teve suas primeiras aparições no programa *CQC*, mas foi na sua participação no quadro “O povo quer saber”, em março de 2011, que sua visibilidade televisiva em horário nobre foi notória. Na ocasião, suas falas e posicionamentos racistas reverberaram em grandes jornais do país, gerando embates, manifestações de rua e um processo jurídico movido por entidades de apoio à comunidade LGBTQIA+.⁷³ Devido à popularidade, o *CQC* decidiu bancar outra matéria com Jair Bolsonaro que foi exibida no programa seguinte, como uma espécie de direito à defesa ao deputado. Na nova oportunidade, Bolsonaro não mudou o seu discurso e continuou a relacionar promiscuidade à homossexualidade, mas, ao mesmo tempo, se defendeu das acusações de racismo. A entrevista ocorreu em clima descontraído com o então jornalista do *CQC*, Danilo

72 De tal ordem, o desdobramento da discussão a respeito dos limites da liberdade de expressão foi material na Ação Penal 1.044 — Distrito Federal, a respeito dos ataques às instituições, magistrados e a República, proferida pelo então Deputado Federal bolsonarista Daniel Silveira (PTB). Na ocasião, o deputado escorava seus crimes no conceito liberdade de expressão e na imunidade parlamentar. No voto do Ministro do Supremo Tribunal Federal Luís Roberto Barroso, o magistrado ressaltou que “É pacífico nesta Corte, no mundo em geral, que a liberdade de expressão não é um direito absoluto e precisa ser ponderada com outros valores e direitos constitucionais, inclusive a democracia, o funcionamento das instituições e a honra das pessoas”. BARROSO, Luís Robert. Ação Pena 1.044 — Distrito Federal. BRASÍLIA-DF: STF, 20/04/2022. p. 1.

73 Naquela semana, Jair foi capa da Folha de São Paulo e Jornal da Câmara e outros veículos importantes publicaram reportagem sobre o ocorrido. CASTRO, J. Preta Gil vai processar Jair Bolsonaro por declarações em programas de TV. *O Globo*, 29 de mar. 2011. Política. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/preta-gil-vai-processar-jair-bolsonaro-por-declaracoes-em-programa-de-tv-2803805>>. Acesso em: 7 de out. 2022; STANGLER, J. Na TV, Bolsonaro diz a Preta Gil que namoro com negra seria promiscuidade. *Estadão*, 29 de mar. 2011. Política. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,na-tv-bolsonaro-diz-a-preta-gil-que-namoro-com-negra-seria-promiscuidade,698832>>. Acesso em: 7 de out. 2022. Em 3 de abril de 2011, foi realizado na Praça do Ciclista em São Paulo ato contra as declarações homofóbicas de Bolsonaro. No mesmo mês, uma manifestação no vão do Masp, em São Paulo, reuniu grupos de extrema direita e neonazistas em apoio ao deputado. Símbolos fascistas, camisetas que pediam a volta da ditadura e outras do rosto de Plínio Salgado, líder do integralismo nos anos 30, foram exibidas. GONÇALVES, L. P; e NETO, O. C. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV editora, 2020. Em novembro de 2017, o então deputado Bolsonaro foi condenado em segunda instância a pagar 150 mil reais pelas suas declarações no programa *CQC* de 2011, em ação movida pelo Grupo Diversidade Niterói, Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual e outros. GRÉLLET, F. Justiça confirma condenação e multa de R\$150 mil a Bolsonaro por declarações homofóbicas. *Estado de S. Paulo*, 9 de nov. 2017. Política. Ver: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/541193/noticia.html?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 8 de out. 2022.

Gentili, que riu, abertamente, quando Bolsonaro afirmou que os gays prefeririam votar em um “macho” como ele em uma “boiolinha” qualquer.⁷⁴

Em 2018, no programa *Os pingos nos Is*, da rádio da Jovem Pan, Danilo Gentili revelou que ele era o idealizador, nos bastidores da produção do *CQC*, favorável à segunda entrevista com Jair Bolsonaro.⁷⁵ Como fazia o jornalista atrapalhado Ernesto Varela, interpretado pelo próprio Marcelo Tas, jornalista âncora do programa, o *CQC* apostava no humor, como espécie de armadilha, para rachar os protocolos e cerimônias e o “verdadeiro” do entrevistado escapulir para o público.⁷⁶ Nesse caso, quando o humor rachou os protocolos e cerimônias e permitiu o “verdadeiro” de figuras como Jair Bolsonaro, grande parte do público não riu dele, mas com ele. Antes de ganhar musculatura e tornar-se a força política que se tornou em 2018, o humor e os humoristas prestaram serviço, direta ou indiretamente, à direita e à extrema-direita brasileira, como também aconteceu nos casos de Madeira de Freitas e Hilde Weber.

Considerações finais

Segundo a filósofa lacaniana Alenka Zupančič, o mundo contingente criado é por si só *nonsense* e pode ter seus paradoxos explorados por um outsider jocosos. As piadas são capazes de proporcionar mais consciência da nossa instável construção de mundo porque articulam e expressam a dimensão precária e incerta das coisas.⁷⁷ E, como o artigo sustentou, esse outsider jocosos pode percorrer o caráter conservador e o reacionário. Contra mazelas e contradições do mundo político e social, o humor aqui esboçado não deixou de ser arma pró-conservadora mesmo quando inserido em estéticas artistas de cunho histórico progressista, como o Modernismo, a caricatura e a comédia *stand-up*. Assim, compartilha-se da visão que, nas palavras de Rodrigo Sá

74 *CQC* — documento especial com Jair Bolsonaro. YouTube, 5 de abril de 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DBEGrNVy4i4>>. Acesso em: 7 de nov. de 2022.

75 *Os Pingos nos Is*. Danilo Gentili — Os Pingos nos Is – 31/12/18. YouTube, 31 de dez. 2018. Ver: <<https://www.youtube.com/watch?v=mHkLqmOtYA8>>. Acesso em: 08 de out. 2022. Bolsonaro alegou que as acusações de racismo eram inverídicas visto que tinha um cunhado negro e que, possivelmente, uma má edição das suas respostas tivesse proporcionado o mal-entendido. Segundo Gentili em entrevista à rádio Jovem Pan, as falas de Bolsonaro tinham sido homofóbicas, porém não racistas. Danilo ainda afirmou na entrevista que tomava cuidado com as edições que o programa fazia das suas matérias e endossou a possibilidade do *CQC* querer prejudicar Bolsonaro.

76 Marcelo Tas disse que o próprio criador do *CQC*, o produtor argentino Diego Guedel, admitiu que se inspirava na personagem dos anos 80 interpretada pelo Tas (Marcelo Tas conta que criador do *CQC* admitiu que se inspirou em Ernesto Varela. *CNN Brasil*, 9 fev. de 2022. Da CNN Brasil Soft. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/marcelo-tas-counta-que-criador-do-cqc-admitiu-que-se-inspirou-em-ernesto-varela/>>. Acesso em: 03 de agosto de 2022.

77 ZUPANCIC, A. *The Odd One In: On Comedy*. Cambridge: The MIT Press, 2008. p. 144.

Motta, a sensibilidade conservadora para rir e deslegitimar seus adversários ainda não recebeu devida atenção.⁷⁸

Se no romance de Umberto Eco (*O Nome da Rosa*) e no estudo medieval bakhtiniano rir era uma manifestação de liberdade perante um universo punitivo e cheio de dogmas, a nova direita riu da normatividade da inclusão e do multiculturalismo progressista.⁷⁹ De forma similar, Madeira de Freitas fez chacotas das ilusões progressistas da época, como o republicanismo, o abolicionismo e a miscigenação. E, por sua vez, Hilde Weber usou da caricatura para contemplar as vozes daqueles que pediam mais contundência da “Revolução de Março” para cassar corruptos, esquerdistas e comunistas. Os casos de Madeira de Freitas, Hilde Weber e Danilo Gentili nos permitem historicizar a problemática do riso, como espécie de arma inescrupulosa pronta a defender qualquer lado ou ideologia política.

78 MOTTA, R. P. S. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 32.

79 VALE, T. P. do. *O discurso humorístico: um percurso de análise pela linguagem do riso*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013. p. 62-67.